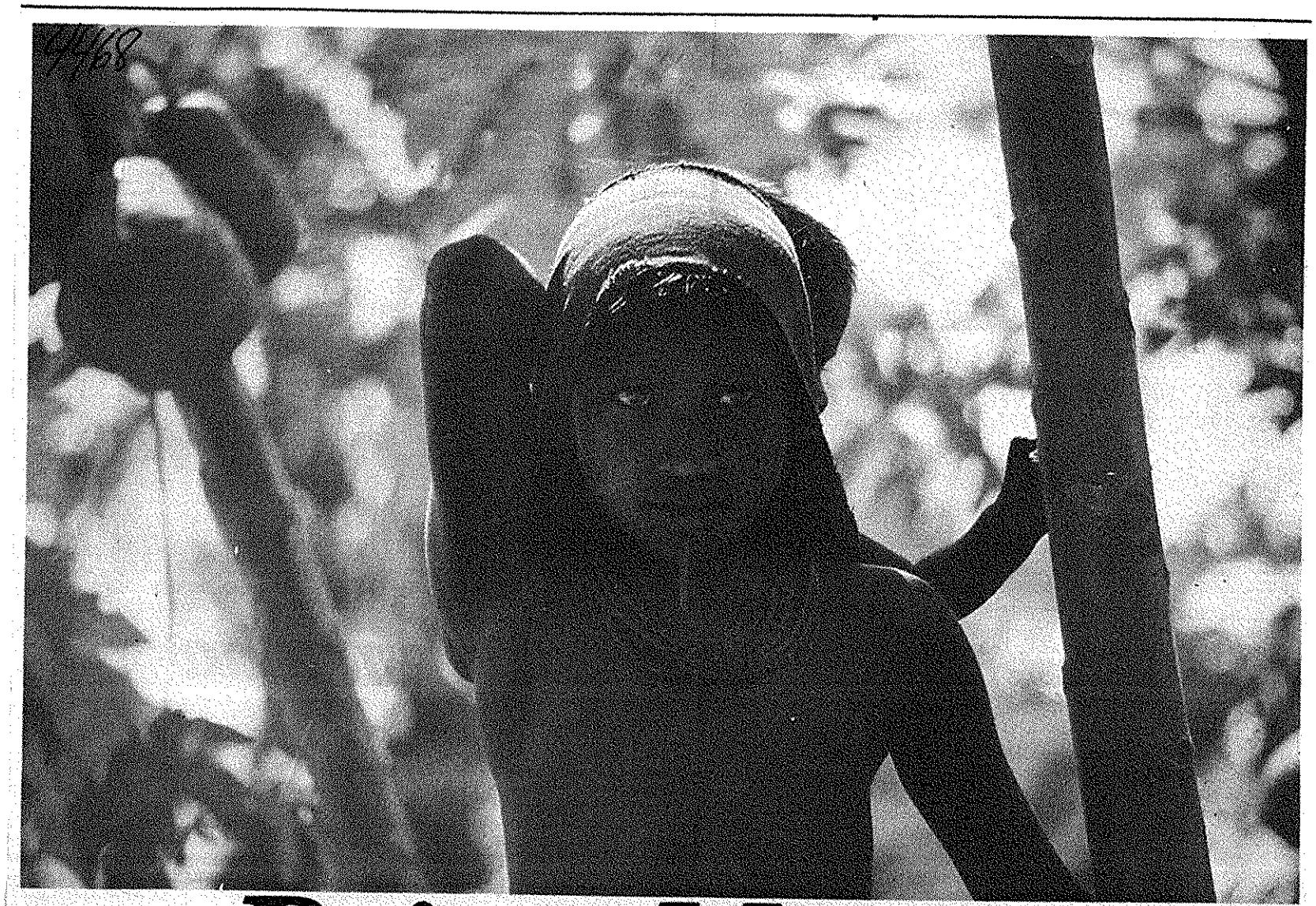
Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: Jornal de Brasília Class.: 184
Data: 31.OT.86 Pg.:



Paiter Merewá

Os sons dos Suruí de Rondônia

Elisa Mattos

Os Suruí, como muitos outros índios, são um povo de cantores. A toda hora, de dia ou de noite, alguém entoa uma cantiga. Há pessoas que cantam melhor ou pior e os que sabem inventar mais — mas os Suruí acham estranho que na nossa sociedade; só alguns saibam fazer música ou sejam cantores. As canções Suruí (não as músicas rituais) têm dono e costumam ser cantadas só pelo autor. Não se canta, parece, as canções de quem já morreu.

Dentro de um projeto de pesquisa, financiado pela "The John Simon Guggenheim Memorial Foundation", que visava retratar através de áudio-fotográficos as novas fronteiras agrícolas do Brasil, a cantora e compositora Marlui Miranda, o fotógrafo Marcos Santilli e a antropóloga Betty Mindlin elaboram o disco **Paiter Merewá**, com composições dos índios Suruí, de Rondônia. Este povo (cuja autodenominação é paiter — "gente", "nós mesmos") é um grupo de 340 pessoas, falando uma língua do tronco tupi, da família mondé. Suas terras ficam parte em Rondônia e parte em Mato Grosso, numa extensão de 220 mil hectares, a apenas 50 kms da cidade de Cocoal, na Rodovia Cuiabá—Porto Velho.

O disco não está à venda nas discotecas, e só pode ser adquirido através de reembolso postal no seguinte endereço: Memória Discos Edições Ltda — Alameda Santos, 2500 São Paulo, C.E.P. 01418. Em uma produção muito bem elaborada, que tem em anexo um encarte com textos e fotografias sobre a maneira como vivem os índios Suruí, a venda deste disco tem até cotação em dólar devido a seu alto custo e o retorno para a tribo para cobrir os direitos autorais dos índios — artistas. O acervo fotográfico deste trabalho já foi, inclusive, exposto em São Paulo, mostrando 400 fotos feitas por Marcos Santilli, onde ele registra os costumes, as festas e a vida desta tribo.

A música Suruí se caracteriza pelas muitas variedades de melodia, conteúdo e finalidade. As cantigas de cerimônias de cura e pajelança, por exemplo, são de grande importância dentro dessa sociedade. O pajé, tomado por espíritos, canta-as individualmente, ao curar doentes, assoprando e chupando o corpo do enfermo. Para isto, ele fica meses em reclusão e aprende estes cantos, diretamente do espírito Criador, o demiurgo. Mas não só o pajé sabe essas cantigas e sim todo o grupo, embora a linguagem pareça arcaica, distinta da usual.

Há, no entanto, outros temas musicais bem distintos melodicamente: as cantigas de caça, as de pesca de timbó (feitas com cipós venenosos), as de construir casas ou de saudação à heróis históricos, como Waiói, um guerreiro Suruí (possivelmente do fim do século passado), que dizia já conhecer os não — índios há muito tempo, mas ninguém lhe dava crédito. Ele afirmava que vira homens com objetos de metal, comendo em horas certas alimentos estranhos como arroz e feijão, donos de armas de fogo. Hoje, persuadidos pelas experiência, os Suruí cantam — "bem que Waiói tinha razão!" Os Suruí só vieram a ter contato pacífico com brancos em 1969 e nesta época eram cerca de 300 pessoas na aldeia, número que foi reduzido à metade somente entre 1971 e 1974 ao contraírem sarampo, gripe e turberculose, doenças mortais quando penetradas nas sociedades indígenas.

Os que restaram, no entanto, mantêm vivo suas tradições, embora consumam bens e alimentos industrializados e ganhem algum dinheiro com café, borracha e seringa. Este disco, que procura documentar de modo peculiar a existência dos Suruí, tem como principal proposta devolver aos índios um documento sobre sua música e possam fazê-la conhecer por outros grupos e por não—índios, a sociedade dita branca.